

PARA ROSA

Sônia Bastos Borba Costa (UFBA)
soniaborba.let@uol.com.br

Rosa das rosas e Fror das frores
Dona das donas, *Senhor das Senhores*

(Cantiga de louvor a Santa Maria, Afonso X)

RESUMO

O trabalho pretende apresentar um resumo circunstanciado da vida acadêmica da Professora Doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva, entremeado de alguns dados de sua vida pessoal e acompanhado de um depoimento da autora sobre sua convivência com a referida professora no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, desde 1982 até o seu falecimento, em 16 de julho de 2012. A autora foi sua orientanda de mestrado e doutorado; participou da fundação do grupo de pesquisa PROHPOR – Programa para a História da Língua Portuguesa (1990), coordenado até seu passamento pela Profa. Rosa Virgínia, e é a sua atual coordenadora.

Palavras-chave: Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Depoimento. Linguística histórica. História da língua portuguesa

1. Sobre o título desta conferência

Tomei de empréstimo a tradução do título do I Congresso Internacional de Linguística Histórica, que organizamos em homenagem a Rosa Virgínia – o *ROSAE* – para intitular esta fala que apresento em sua memória e em memória dos bons momentos que compartilhamos.

2. Sua vida, em suas palavras

Em seu último texto apresentado em público (julho de 2012, 60º Seminário do GEL, USP/SP), Rosa Virgínia apresentou breve relato da sua vida acadêmica, que aqui trago, com algumas adaptações e acréscido de informações que colhi aqui e ali. É também dela o texto sobre o PROHPOR, apresentado em 25.06.2005, na UnB. Passo a apresentá-los, transpondo-os da primeira para a terceira pessoa.

Rosa (permitam-me chamá-la assim, como a chamava no cotidiano) cursou a Graduação na então Faculdade de Filosofia da UFBA, entre 1958 e 1961. Já em 1958, Nelson Rossi, seu professor de língua portu-

guesa nos quatro anos de formação, lecionou linguística à sua turma, embora essa disciplina só tenha vindo a figurar no currículo a partir de 1963. No segundo ano, notícias sobre o indo-europeu, história da língua latina, o latim vulgar. No terceiro ano, a história da língua portuguesa – a partir de Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis, Adolfo Coelho, Serafim da Silva Neto – e introdução à dialetologia (era o tempo dos inícios do APFB). Em 1961, último ano do curso, o grupo constituído por Jacyra Mota, Vera Rollemberg e ela empreendeu, sob a orientação de Rossi, a edição crítica do *Livro das Aves*, texto português do século XIV, cujos fac-símiles tinham sido publicados por Serafim da Silva Neto (1956). A edição ultrapassou o curso, vez que levou dois anos e meio para ser concluída. Naquela altura, não havia bolsa de iniciação científica, então, como ela disse, começava-se a fazer pesquisa pelo prazer de fazê-la. Teve ela então a oportunidade de desenvolver seu gosto pelo português antigo que conhecera, segundo me revelou em conversa informal, quando fora aluna de Maria Alice Teixeira, sua professora de português no curso médio. Conta ela as dificuldades que enfrentaram, iniciantes que eram. Em 1965 foi o livro publicado pelo Instituto Nacional do Livro. Fizeram também o Glossário, de acordo com as normas de A. G. Cunha.

No início de 1962, Rossi foi convidado para a Universidade de Brasília, tendo o direito de levar quatro auxiliares para cursar mestrado e/ou doutorado. Foram Nadja Andrade, para o doutorado, e Dinah Callou, Júlia Conceição Santos e Rosa, para o mestrado. Estudaram linguística teórica, com Aryon Rodrigues, e prática, com membros do *Summer Institute of Linguistics*. Nessa época, ela dava aulas de recuperação de português e, junto com Rossi, Nadja, Júlia Conceição e Ada Natal Rodrigues, começaram inquéritos para o *Atlas Linguístico de Goiás*, interrompido pela fechamento da universidade. Júlia faleceu em Besançon, em 1968, quando cursava o doutorado. Ada se tornou também sua grande amiga até seu falecimento em 1991. Rossi e Nadja ainda continuaram seus companheiros por muitos anos.

Diz ela: “como já tinha trabalhado no *Livro das Aves*, resolvi continuar no mundo de trezentos. Consegui microfimes alcobacenses e outros para fazer a edição crítica dos quatro livros dos *Diálogos de São Gregório*, também, integrantes dos manuscritos de Serafim da Silva Neto”. Iniciou então a sua dissertação de mestrado, sob orientação de Rossi. Escolheram o livro dois dos quatro livros dos *Diálogos de São Gregório*, não só pelo tempo disponível para o mestrado (dois anos), mas porque apresentava uma unidade temática, a biografia de São Bento. Diz ela: “O

monge Gregório, que depois viria a ser Papa e Santo – Gregório I, o Magno – conta com simplicidade e em forma de diálogos a vida do criador da Ordem de São Bento”. A dissertação, segundo o modelo clássico das edições de textos medievais – uma introdução; a leitura crítica; o aparato crítico, em que comparou as três versões em português, e um glossário, foi finalizada em dezembro de 1964.

Em 1964, devido ao golpe militar, a maioria dos professores voltou a seus lugares de origem, entre eles Nelson Rossi. Rosa permaneceu em Brasília, com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, com o dever de terminá-la em Portugal. Diz ela: “era excepcional a Gulbenkian dar bolsas a brasileiros no Brasil. A excepcionalidade por mim conseguida aconteceu por causa de duas cartas de apresentação, a de Nelson Rossi e a do professor George Agostinho da Silva, que criava na UnB o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses”.

Em janeiro de 1965, Rosa partiu para Lisboa, acompanhada de Pedro Agostinho, seu marido e filho de George Agostinho da Silva, e seus dois primeiros filhos, para continuar a edição dos quatro livros dos *Diálogos de São Gregório*, sob a orientação do filólogo, dialetólogo e linguista, Luís Filipe Lindley Cintra, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ela conta que, no primeiro encontro com o professor Cintra, ficou decepcionada, pois ele lhe disse que deveria refazer a parte já feita da edição, a partir de critérios mais modernizadores.

Enquanto avançava na edição, assistia a disciplinas que Cintra ministrava. Ela conta: “as aulas do Prof. Cintra eram de extrema clareza e simplicidade. Na primavera, ele reunia seus alunos para excursões dialetais, pela região de Trás-os-Montes e região das Beiras. Aprendia-se muito, não só dialetologia, mas história, arquitetura, enfim, cultura”.

Cintra lhe concedeu uma sala no Centro de Estudos Filológicos, onde passou a trabalhar, como diz, “na companhia de meu casacão de inverno e de uma máquina de datilografia portátil”. Devia escrever a história dos manuscritos dos *Diálogos de São Gregório* em português. O manuscrito que identificou como A – base da sua edição crítica – é o que envolve mais mistérios e hipóteses quanto à origem e data. Para o filólogo J. J. Nunes, “teria sido oriundo dalgum mosteiro ou casa religiosa do norte de Portugal”. Em meios do século XX, foi comprado por Silva Neto, não se sabe a quem. Os manuscritos B e C estavam e estão hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Nessa época conheceu Maria Helena Mira Matheus, da qual ficou amiga até o fim. Ambas faziam edições críticas, Maria Helena sobre a *Vida e Feitos de Júlio César*. Sugeriu essa, então, que fossem ao Centro de Cálculo Científico da Fundação Gulbenkian, para, utilizando o maquinário de que o Centro dispunha, organizar um glossário por meios mecanográficos. Dessa organização surgiu o quarto volume da sua futura tese de doutorado, intitulada *Índice Geral das palavras lexicais*.

Rosa confrontou a versão A dos *Diálogos de São Gregório* com a C, datada de 1416, e com textos do último quarto do século XIV, como o *Orto do Esposo* (MALER, 1964), a *Vida de Barlaam e Josephat* (ABRAHAM, 1938), entre outros. Esse confronto permitiu a conclusão, com bastante margem de certeza, de que a versão A dos *Diálogos* apresenta características linguísticas anteriores às do século XV. Com menor margem de segurança, propôs que o referido documento pode representar um estado linguístico do último quarto do século XIV.

Maria Helena publicou sua tese em 1970, pela Gulbenkian, e, aos poucos, fazia seu glossário, que era publicado no *Boletim de Filologia*, dirigido por Cintra. Infelizmente, a tese de Rosa continua inédita.

Ainda sobre os *Diálogos de São Gregório*, ela conta:

em 1991 me telefonou Arthur Askins, da Califórnia (Berkeley). Ele e sua equipe tinham encontrado um outro manuscrito com os *Diálogos de São Gregório*. Essa nova versão está catalogada nos IAN-TT (Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo) e registrada como Manuscrito da Livraria – nº 522. Esse manuscrito foi editado por Américo Venâncio Machado Filho em seu programa de Pós-Doutoramento na Universidade de Coimbra, em 2006, orientado pela Dra. Clarinda Maia (Edufba, 2008). Machado Filho conclui: ‘Com base nesses dados, provavelmente um documento do período de transição, isto é, produzido no limiar temporal entre o final do século XIV e inícios do século XV’ (2008, p. 285).

Ela constata que as cerca de 200 folhas pergaminháceas que Serafim da Silva Neto trouxe para o Brasil tiveram um curioso destino: foram editadas por brasileiros, na Bahia, e publicadas no Brasil:

- O *Livro das Aves*, edição crítica e glossário (ROSSI et alii, Instituto Nacional do Livro, 1965).
- Dos quatro livros dos *Diálogos de São Gregório*, a versão A (manuscrito Silva Neto) editada por ela, está inédita, tendo, contudo, aparecido a versão D (manuscrito da livraria, cod. 522), editada por Machado Filho (Edufba, 2008).

- Um *Flos Sanctorum* trecentista, editado por Machado Filho, parte de sua tese de doutorado, por ela orientada. Em 2009, foi publicada a edição interpretativa (UnB).

Assim, graças a integrantes da UFBA, está, como ela diz, “em papel o que estava em pergaminho e no gótico francês”.

Em 1973, Rosa ingressou como discente no já então Instituto de Letras da UFBA, onde, por 39 anos, atuou como professora efetiva, em dedicação exclusiva, na graduação, passando a atuar também na Pós a partir de 1976, uma das fundadoras que foi do curso de mestrado. Ela declarou que foi a partir de então que começou a estudar sistematicamente e com muito prazer as teorias da mudança linguística. Sempre nos dizia que foi então que surgiram seus primeiros cabelos brancos, os quais, aliás, nunca veio a tingir, ostentando até o fim bela cabeleira grisalha. A causa teria sido o fato de ter de lecionar, como doutora que já era, a suas antigas colegas, que só então puderam fazer o mestrado. Nesse tempo, ela se divertia com o fato de que os estudantes da graduação chamavam as professoras de língua portuguesa – todas mulheres – de “viúvas de Mattoso”, porque seguiamos seus ensinamentos. Dou o testemunho de que assim ainda fomos chamadas até a década de 1990, pelo menos.

De agosto de 1979 a dezembro de 1982, teve um “tempo contínuo”, como gostava de dizer, para realizar o trabalho que veio a configurar as Estruturas Trecentistas, resultado do seu pós-doutorado na UFRJ, sob a orientação do professor Celso Cunha, e que veio a ser publicado, em 1989, em Lisboa pela IN-CM.

Em 1985, dizia ela, outra razão para embranquecerem-lhe os cabelos: Nelson Rossi, não só se aposentou, como se afastou por completo da Universidade e lhe passou o bastão, dizendo-lhe: “agora é com você”. Embora ela referisse muitas vezes o quanto de estresse isso lhe acarretou, imaginamos que o mestre Rossi sabia perfeitamente o que estava fazendo.

Em 1999 a pós-graduação foi reformulada, sob a sigla PPGLL, com a inclusão do curso de doutorado, e mais recentemente o curso foi repartido em dois, o PPGLInC e o PPGLitC. Rosa sempre partilhou o ensino da Pós com o da Graduação que, no nosso *Instituto* conta, atualmente, para o curso de Vernáculos, com duas disciplinas obrigatórias de “Diacronia do português” (uma, da formação da língua até o século XVI e outra sobre o português no e do Brasil), além de três outras optativas: A língua portuguesa no período arcaico”; “A língua portuguesa no século

XVI” e “Morfofossintaxe diacrônica do português”. No IL/UFBA, a cada semestre temos pelo menos uma disciplina optativa de história do português sendo oferecida.

Na pesquisa, como docente, pertenceu à equipe do NURC, de 1973 A 1979. Fundou e sempre atuou na linha de pesquisa da Pós-Graduação intitulada *Constituição Histórica do Português* e, mais recentemente, na linha de pesquisa *História da leitura e da escrita no Brasil*, em que se incluem estudos, que lhe eram muito caros, sobre a alfabetização/literatização no Brasil, desenvolvidos geralmente em parceria com Emília Helena Monteiro de Souza.

Além de tudo o que fez pela pesquisa até o ano de 1988, e pelo ensino sempre, Rosa criou a partir de então o grupo de pesquisa PROHPOR, sobre o qual falarei mais detidamente, ainda neste texto.

Permito-me agora apresentar alguns comentários a essa trajetória tão rica e consistente: destaca a importância da continuidade de seus estudos numa tradição de trabalho de Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Lindley Cintra e Nelson Rossi, constituindo linha temática de relevância no Brasil. Graças a Rossi e a seus discípulos iniciais, dentre eles Rosa, o IL/UFBA já completa 55 anos de trabalho sobre a língua portuguesa na linha da linguística histórica, em sentido lato, como Rosa sempre a conceituou: o estudo de uma língua a partir de dados, sempre que possível, datados e localizados, quer sincrônicos, quer diacrônicos.

3. O PROHPOR

Por volta de 1988, Rosa começou a pensar em reunir em um grupo de pesquisa os colegas do departamento que demonstravam gosto pelo estudo da história da língua portuguesa. Lembro-me de que, um dia, durante uma carona que lhe dava, ela me disse, de maneira simples, quase casual, mais ou menos o seguinte: “Que tal se nós, que gostamos de pesquisar história do português, nos reuníssemos em um grupo de pesquisa organizado?” Foi a primeira menção que ela me fez em relação àquele que viria a ser o PROHPOR. Para nossa alegria, ela chamou o PROHPOR de “um parto fácil e agradável”.

Conta ela, em agosto de 2005, que o núcleo inicial do PROHPOR foi constituído por ela, Maria do Socorro Netto, mestranda, trabalhando sobre a variação ser/estar, em um *corpus* do português arcaico; Therezinha Barreto, também mestranda, trabalhando sobre conjunções no período

do arcaico e eu, Mestra, com dissertação sobre a categoria de aspecto, em *corpus* do Projeto NURC, mas que fui cativada pela Linguística Histórica, trabalhando sobre advérbiais na história do português. Assim nos apresentamos, em fins de 1990, ao nosso Departamento de Letras Vernáculas, com projeto no campo da linguística histórica e da história da língua portuguesa.

Em 1991 se integraram ao grupo professores da Universidade Estadual de Feira de Santana: Ilza Ribeiro; Tânia Lobo e Dante Lucchesi, que logo depois fizeram concurso para a UFBA e, em seguida, saíram para o mestrado em linguística histórica na Universidade de Lisboa, com o professor Luis Filipe Lindley Cintra e que, com o falecimento do Professor Cintra, vieram a ser seus orientandos. Também da UEFS, Sílvia Rita Olinda, que já fizera seu mestrado, sob sua orientação.

Esse grupo, em 1992, se apresentou ao CNPq, já sob o nome PROHPOR (sugestão feliz de Dante Lucchesi), com uma plataforma geral de pesquisa e com projetos individuais, para solicitação de Auxílio Integrado. Desde então o PROHPOR esteve vinculado ao CNPq.

Nosso objetivo geral foi e é o estudo da constituição histórica da língua portuguesa, desde o período arcaico, infletindo, a partir do século XVI, para o estudo do português brasileiro. Especificamos quatro campos de trabalho:

- a) análise da morfossintaxe e da sintaxe;
- b) estudo de fontes para a sócio-história do português brasileiro (nessa altura focávamos fontes indiretas);
- c) a construção de um banco de textos informatizados em função da história da língua portuguesa;
- d) a formação contínua de pesquisadores no âmbito de teorias da linguística histórico-diacrônica e da história da língua portuguesa.

Definimos também nesse texto inaugural – e mantemos – que não pesquisariamos no âmbito de uma única teoria/metodologia da linguística histórica: cada projeto poderia definir o modelo teórico a seguir. Decidimos, contudo, que qualquer projeto que envolvesse análise linguística deveria ter uma base descritiva dos dados do *corpus* escolhido, uma vez que, a nosso ver, a base descritiva seria um ponto de partida essencial em nosso trabalho, além de constituir informação organizada para outros pesquisadores por isso interessados.

No decorrer desses 21 anos, muitos membros se afastaram e outros vieram a se integrar. Embora cada membro tenha o seu próprio projeto, a seu ver, necessário para manter o perfil individual de cada um, decidimos, em 1992, para melhor integração do grupo, fazer um trabalho coletivo inicial e foi, então, por sugestão de Tânia Lobo, escolhido como texto-base, a Carta de Caminha. Desse projeto resultou a coletânea *A 'Carta de Caminha': testemunho linguístico de 1500*, (Edufba/UEFS/CNPq/EGBA, 1996), o primeiro livro do PROHPOR.

Diz Rosa:

Com o início do Programa de Doutorado no nosso Instituto, tendo eu ficado, a partir de 1996, responsável pelos Seminários Avançados III, disciplina que trata de teorias contemporâneas da linguística, tive a oportunidade de trazer vários professores estrangeiros e brasileiros que, sem dúvida, foram fundamentais para o enriquecimento da formação dos doutorandos, dentre eles também os que pertencem ao nosso grupo. Assim, Em 1999, dois membros do PROHPOR, Therezinha Barreto, do núcleo original do PROHPOR, e Rosaura Fagundes Poggio, professora de latim, mas integrada ao PROHPOR, por seu doutoramento em nossa linha de pesquisa, concluíram suas teses, aprovadas com distinção, focalizando o quadro teórico do funcionalismo, sobretudo a teoria da gramaticalização. Nesse mesmo enquadramento teórico trabalharam para suas teses de doutorado Sônia Borba Costa e Anna Maria Macedo. (MATTOS E SILVA, 2005).

Prossigui o PROHPOR com outro projeto coletivo, *O Português Quinhentista: Estudos Linguísticos*, centrado em documentação de meados e segunda metade do século XVI e que se tornou livro em 2002, o segundo livro do PROHPOR.

Como já exposto, um dos campos de trabalho do PROHPOR trata fontes para a sócio-história do português brasileiro. No início, tínhamos como objetivo explorar fontes indiretas, pesquisa que começou a ser feita por Tânia Lobo e uma bolsista de aperfeiçoamento, suspensa, por Tânia Lobo vir a dedicar-se a sua tese de doutoramento.

Iniciado em 1996, com o I Seminário Nacional, o projeto *Para a História do Português Brasileiro (PHPB)*, pensado e coordenado por Ataliba de Castilho, com equipes regionais formadas ou em formação, definiu como áreas de atuação: a) a constituição de *corpora* diacrônicos de documentos de vária natureza, escritos no Brasil, a partir do século XVI; b) a reconstrução da história social linguística do Brasil e c) o estudo de mudanças linguísticas depreendidas na análise dos *corpora* selecionados.

O PROHPOR, que já definia como um dos campos de trabalho o estudo de fontes indiretas e já começava a trabalhar sobre fontes diretas

de arquivos, passou a ter um projeto específico, de um subgrupo de seus membros – Para a História do Português Brasileiro – Bahia –, vinculado ao projeto nacional. Nesse projeto àquela época estavam sendo implementados novos *corpora* documentais, tendo como base de pesquisa, o Arquivo Público da Bahia, que tem como responsável Tânia Lobo; Arquivos públicos e particulares do interior da Bahia, sob a responsabilidade de Zenaide Carneiro e Norma Almeida da UEFS e cartas semioficiais do Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, sob a responsabilidade de Ilza Ribeiro. Em seguida, o arquivo particular da Sociedade Protetora dos Desvalidos, irmandade de cor, criada por negros forros, na terceira década do século XIX, foi pesquisado, sob a responsabilidade de Klebson Oliveira, já doutor, coordenado por Tânia Lobo. Também foi iniciada pesquisa, no arquivo da Irmandade do Rosário dos Pretos, por Ilza Ribeiro.

Desse modo, o campo originalmente b do PROHPOR está, desde 1996, vinculado ao projeto nacional Para a História do Português Brasileiro, tanto no que concerne à constituição de *corpora* de documentos, quanto à reconstrução da sócio-história linguística do Brasil e à análise intralinguística, baseada nos *corpora* editados.

Em 2004, publicou o PROHPOR a sua terceira coletânea, *Do português arcaico ao português brasileiro*, pela Edufba, organizada por Américo Machado Filho e Sônia Borba Costa.

Continua Rosa:

Quando iniciamos, fins de 1990, inícios de 1991, apenas eu tinha o título de doutorado; já em inícios de 1995, Ilza Ribeiro concluía seu doutorado na UNICAMP, orientada por Charlotte Galves. Em 1999, Therezinha Barreto e Rosauta Poggio se doutoraram pela UFBA, sob minha orientação. Em setembro de 2001 doutorou-se Tânia Lobo, pela USP, orientada por Ataliba de Castilho. Também doutorados pela UFBA são Sônia Borba Costa, Anna Maria Nolasco de Macedo, Américo Venâncio Lopes Machado Filho, Emília Helena Monteiro de Souza, Klebson Oliveira, Juliana Soledade Coelho, todos sob minha orientação. Já também se doutoraram pela UNICAMP, Zenaide Carneiro e Norma Almeida, orientadas por Charlotte Galves. Therezinha Barreto, por seu turno, orientou o doutoramento de Lucas Campos. (MATTOS E SILVA, 2005)

Ainda Rosa:

Há, certamente, uma motivação para os estudos histórico-diacrônicos no Instituto de Letras da UFBA, tanto que, mesmo não tendo sido bolsistas de iniciação no PROHPOR, mestrands têm escolhido nossa linha de pesquisa para a sua dissertação. Com isso quero destacar que o passado do português, desde suas origens e no correr de sua história, motiva os jovens no alvorecer

do século XXI. Constitui o quadro permanente, no momento, do PROHPOR, um conjunto de dezessete pesquisadores: Rosa Virgínia Mattos e Silva, Ilza Ribeiro, Therezinha Barreto, Rosauta Poggio, Tânia Lobo, Sônia Borba Costa, Anna Maria Macedo, Emília Helena P. Monteiro de Souza, Lucas Campos, Zenaide Carneiro, Norma Almeida, Norma Lopes, Alan Baxter, Jaciara Oliveira, Juliana Soledade Coelho, Klebson Oliveira e Américo Venâncio Lopes Machado Filho, todos doutores, esse último coordenando o projeto DEPARC, que prepara um dicionário etimológico do português arcaico. Dante Lucchesi, doutor pela UFRJ, sob a orientação de Anthony Naro, desligou-se espontaneamente do grupo para iniciar uma nova linha de pesquisa, relacionada ao tema de seu doutorado, que trata da questão da chamada criouliização ou descriouliização do português vernáculo ou popular brasileiro. (MATTOS E SILVA, 2005)

E Rosa finaliza:

Sem dúvida, e encerrando, gostaria de afirmar que o trabalho coletivo em grupo é interenriquecedor, não só por desenvolver uma solidariedade exigente, mas, sobretudo, por permitir o intercâmbio fraterno entre os saberes de cada um, o que, necessariamente, multiplica e favorece o trabalho coletivo do Grupo. (MATTOS E SILVA, 2005)

Para além desses dados do seu texto de 2005, podemos agora acrescentar que o PROHPOR já publicou a sua quarta coletânea, em 2009, pela Edufba, intitulada *do PA ao PB outras histórias*, sobre o qual Rosa escreveu, ainda em 2008: “Alegra-me e até orgulho-me do crescimento do nosso grupo de pesquisa e da diversidade da temática dos trabalhos desta coletânea, o que demonstra a maturidade do Grupo, adolacente de dezesseis anos”.

No seu último texto, o de 2012, no GEL, escreveu sobre o PROHPOR: “Os jovens que se integram ao PROHPOR, iniciam-se na pesquisa, com amor, paixão, rigor e Paciência. Para fechar, diria como escreveram alguns copistas do medievo: LAVS DEO!”

Os últimos dados sobre o PROHPOR que coletei de textos de Rosa encerram-se em 2008. De lá pra cá algumas coisas mudaram. Pesquisadores se afastaram, outros se incorporaram, alguns novos projetos foram se delineando. Mas, naturalmente, foi em julho do ano passado que o PROHPOR sofreu um golpe que nos deixou muito abalados.

Após a partida da nossa Mestra, temos tentado manter vivo o PROHPOR. Como eu figurava como subcoordenadora, tentei reunir todos os integrantes em algumas reuniões, nas quais resolvemos pela realização de um seminário interno, que veio à luz no dia 16 de maio de 2013. Nesse seminário tomamos plena consciência da vitalidade do grupo e da enorme disseminação do gosto pelo estudo da história da língua portu-

guesa em universidades baianas. Nesse dia, Américo Machado Filho nos anunciou o seu afastamento formal do grupo, visto que criou um novo grupo de pesquisa, o *Nêmesis*, voltado especificamente para o estudo do léxico da língua portuguesa.

Rearticulamos o programa para dar conta da complexidade dos interesses dos pesquisadores, que resolvemos subdividir em efetivos, colaboradores e temporários, esses últimos aqueles que fazem iniciação científica ou pós-graduação (o PROHPOR conta, no momento, com 22 pesquisadores efetivos, um colaborador e 66 pesquisadores temporários). Atualmente, os temas afetos ao PROHPOR são: Socio-história do PE e do PB; Diacronia do PE e do PB, em qualquer dos níveis de estruturação; História da leitura e escrita no Brasil.

Os subgrupos de pesquisa em atuação são:

- BIT – Edição eletrônica de textos portugueses e brasileiros.
Coordenação: Zenaide Carneiro (UEFS) e Mariana Fagundes (UEFS)
- GRAM – Gramaticalização na história do português. Coordenação: Therezinha Barreto (UFBA)
- HISCULTE – História da cultura escrita no Brasil.
Coordenação: Tânia Lobo (UFBA) e Klebson Oliveira (UFBA)
- Morfologia e semântica históricas do português.
Coordenação: Juliana Soledade Coelho (UFBA) e Aurelina Ariadne D. Almeida (UFBA)
- Sintaxe histórica do português.
Coordenação: Ilza Ribeiro (UFBA) e Edivalda Araújo (UFBA).

Nossos projetos mais próximos são: O lançamento da quinta coletânea do PROHPOR¹⁶, reformulação do nosso *site* e a transferência da biblioteca pessoal de Rosa para o IL/UFBA.

¹⁶ No momento em que reviso o texto, a quinta coletânea já foi dada a público: MATTOS E SILVA, R. V.; OLIVEIRA, K.; AMARANTE, J. (Orgs.) *Várias Navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos*. Salvador: EDUFBA, 2012.

Estamos numa fase de “limbo” em relação ao CNPq, porque teremos de adequar o grupo às atuais normas da pós-graduação na UFBA e consequentemente ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

4. Alguns dos seus trabalhos

Falarei muito brevemente sobre alguns dos seus textos, separando-os por temas, e ressaltando alguns trechos que colocam questionamentos ou posicionamentos seus, além de um seu hábito muito recorrente, o de buscar citações de autores diversos, para incluí-las como epígrafes dos textos ou para ilustrar seus raciocínios.

4.1. Livros

4.1.1. Início pelo português arcaico, o seu *crochet*, como chamei uma vez, porque ela me disse que esse era verdadeiramente o seu *hobby*, retrucando insinuações de outros de que ela deveria divertir-se, desenvolver um *hobby* (como fazer *crochet*).

Primeiro, *O Livro das Aves* (INL, 1965) – em coautoria com Nelson Rossi, um dos seus mestres, o trabalho que a aproximou do português arcaico.

Segundo, a edição dos *Diálogos de São Gregório*, ainda inédita.

Terceiro, *As Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico* (Lisboa, IN-CM, 1989). Sobre ele diz Rosa:

Propus e foi aceito o meu projeto de pós-doutoramento, que tratou de uma descrição linguística de um *corpus* do passado: a versão A dos Diálogos. Fiz um trabalho descritivo, com o que sabia de Linguística, que veio a ser publicada em 1989 pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda (IN-CM), intitulada *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. (MATTOS E SILVA, 2012).

É impensável, desde 1989, alguém trabalhar com o português arcaico sem o auxílio inestimável do *ET*, como o chamava Fernando Tarallo. É, sem dúvida, uma síntese formidável, pela estruturação que ela conseguiu impor aos dados que recolheu da versão A dos *Diálogos de São Gregório*. Publicado em Portugal, teve, graças aos esforços de Américo Machado Filho, nova edição pela Edufba, em 2010.

Quarto, *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe* (Contexto, 2006). Neste livro, ela reuniu e atualizou os livros *O português arcaico: fonologia* (Contexto/Edufba, 1991) e *O português arcaico: morfologia e sintaxe* (Contexto/Edufba, 1994), originalmente publicados em separado na coleção *Repensando a língua portuguesa*, voltada para estudantes dos cursos de Letras e professores de ensino médio.

Nele lemos a seguinte citação: “Antes peço a quem conhecer meus erros que os emende; e, todavia, não murmurando em sua casa, porque desfaz em si”. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536)

Quinto, a *Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. (Edufba/UEFS/CNPQ/EGBA, 1996). Foi o primeiro livro que publicou resultados de trabalhos do PROHPOR, motivado pela proximidade dos 500 anos de descoberta do Brasil.

Sexto, *O Português Arcaico: uma aproximação*: Ela conta que durante o Congresso em Évora, em 2000, Ivo Castro a convidou a escrever um livro sobre o português arcaico para a coleção *Filologia Portuguesa* da IN-CM. Para ele, isso não seria difícil de realizar: bastava reunir os dois livros que ela já tinha feito para a editora Contexto e acrescentar um capítulo sobre o léxico... Diz ela: “Acontece que a realidade não era tão simples como imaginou meu amigo Ivo!” O fato é que daí surgiu *O Português Arcaico: uma aproximação*, escrito entre 8 de dezembro de 2002 e 05 de fevereiro de 2004, como está documentado no seu epílogo. Agora, desde 2008, é impensável alguém trabalhar sobre o português arcaico sem recorrer, além de *Estruturas Trecentistas*, a este, que Ivo Castro chamou de Livro Magno de Rosa Virgínia. Nele, ficam evidentes as contribuições que vêm sendo acrescidas, por muitos autores, mas sobretudo por ela mesma e por seus orientandos, acerca do que já se sabe sobre o português arcaico. Sua honesta simplicidade ao denominá-lo de *uma aproximação*, refazendo o subtítulo “uma introdução”, que dera na primeira versão manuscrita, foi explicitada:

A escolha do subtítulo *uma introdução* pareceu-me que pretendia estabelecer verdades sobre o período focalizado. O que pretendo, contudo, é, com base no já existente e nas pesquisas destes últimos anos, com novos dados e renovadas interpretações, aproximar-me dos fatos linguísticos desse período recuado no tempo. (MATTOS E SILVA, 2008)

Para isso, apoia-se em Labov: “A tarefa da Linguística Histórica é explicar as diferenças entre o passado e o presente, não há como saber quão diferente ele foi” (LABOV, 1994).

Lembra D. Carolina Michaëlis: “Uma língua não nasce em dia e hora certa, nem evoluciona num momento de um estado para outro”. (CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1956).

Cita Drummond:

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
Mal rompe a manhã.
[...]
O ciclo do dia
ora se conclui
e o inútil duelo
jamais se resolve
[...]
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *O lutador*, 1988, 85)

Cita Saramago:

Estranha relação é a que temos com as palavras. Aprendemos de pequeno umas quantas, ao longo da existência vamos recolhendo outras que vêm até nós pela instrução, pela conversação, pelo trato com os livros, e, no entanto, em comparação, são pouquíssimas aquelas sobre cujas significações, acepções e sentidos não teríamos nenhuma dúvida se algum dia nos perguntássemos seriamente se as temos” (SARAMAGO, em *O homem reduplicado*).

Neste seu livro maior, apresenta, como epígrafe geral, um trecho de Pessoa: “Outros poderão achar/ O que, no nosso encontrar/ Foi achado ou não achado/ segundo o destino dado” (PESSOA, *Mensagem VI. Os colombos*).

No epílogo, apresenta outra citação de Pessoa: “Tudo é incerto e derradeiro/ Tudo é disperso, nada é inteiro”. (PESSOA, *Mensagem, O encoberto*)

Ainda sobre o português arcaico, embora não apenas, lembro a segunda coletânea do PROHPOR, *O português quinhentista: estudos linguísticos* (Edufba, 2002), organizada em parceria com Machado Filho. Nele, lemos:

Os estudos de mudança linguística no tempo real de longa duração não podem se restringir a um levantamento mecânico dos dados focalizados. Uma volta ao texto para observar questões de camadas textuais de idades diferentes se faz essencial na análise da documentação arcaica manuscrita, em que, em um manuscrito podem estar presentes reflexos de modelos anteriores utiliza-

dos no processo sucessivo das cópias. No caso de documentação já impressa [...], há que voltar aos documentos depois de segmentados os dados selecionados, para observar pelo menos questões de intertextualidade como citações e textos mais antigos; reflexos de usos próprios a determináveis personagens; usos metalinguísticos; prováveis locuções idiomáticas fossilizadas etc. (MATTOS E SILVA; MACHADO FILHO, 2002)

Também nesse texto:

Alguns que escrevem livros costumam fazer, nos princípios, prólogos de sua defesa, o que eu não fiz. E tenho esta razão: que me não quero queixar antes de ser ofendido” (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536). Também citado em *O Português Arcaico – uma aproximação*.

Das cousas naçem as palavras e não das palavras as cousas... (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536)

Todas as cousas têm seu tempo: e os ociosos o perdem (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536).

Sobre linguística histórica publicou pela Parábola (2008) *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*, subtítulo emprestado de Lass (1997), in *Historical linguistics and language change*. Nele, assim como em outros textos, apresenta seu conhecido conceito sobre linguística histórica, inspirado em Coseriu:

Há duas grandes vertentes na linguística histórica: linguística histórica *lato sensu* e linguística histórica *stricto sensu*. A linguística histórica *lato sensu* trabalha com dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseado em corpora. A linguística histórica *stricto sensu* é a que se debruça sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo em que tais línguas são usadas e pode ser trabalhada em duas orientações: linguística histórica sócio-histórica e linguística diacrônica associada. (MATTOS E SILVA, 2008).

Cita, a esse respeito, um trecho de Coseriu: “A descrição e a história da língua situam-se, ambas, no nível histórico da linguagem e constituem juntas a linguística histórica”. (COSERIU, 1979)

Cita Meillet, também citado em outros textos: “A história política de Roma e a história de civilização romana explicam a história da língua latina” (MEILLET, 1928).

Nesse mesmo livro, sobre ecletismo e/ complementaridade:

Desses confrontos [entre as linguísticas a-históricas e as chamadas empiricistas] (apesar de mortos e feridos) têm crescido sucessivamente, e com sucesso, as teorias que buscam a compreensão do fenômeno da linguagem humana tanto na sua face biopsíquica quanto na sócio-histórica. O reconhecimento da complementaridade – parece-me que possível – desses caminhos

que correm paralelos será a meta de uma teoria explicativa abrangente para a linguagem humana. (MATTOS E SILVA, 2008)

Ainda nesse livro, citando José Mattoso:

Prefiro, embora reconheça as contradições e a heterogeneidade do real ou do comportamento humano, tentar descobrir, por detrás delas, as harmonias resultantes dessa espécie de fantástica sinfonia que é a história, feita de incommensurável mistura de elementos de toda espécie, tão dispersos e contraditórios como a própria vida, mas de cuja rede infinitamente complexa é fascinante procurar os eixos e os encontros e desencontros, os paralelismos e as divergências. As secretas regras da composição não se poderão reduzir, nunca, creio, a nenhum sistema totalmente válido, a nenhuma gramática definitiva, mas procurá-los e dizer o que julguei descobrir é tão apaixonante como o prazer de viver. (MATTOSO, 1988):

E conclui: “Foi esse fascínio e essa paixão que me levou à linguística histórica e a escrever este livro. Espero que tenha podido transmitir a outros, sobretudo jovens, tal fascínio e tal paixão: ‘ouvir o inaudível’” (MATTOS E SILVA, 2008).

4.1.2. Sobre o português brasileiro

Cito primeiro *O Atlas Prévio dos Falares Baianos* (INL, 1963) – em coautoria com Nelson Rossi e Dinah Callou.

Segundo, em coautoria com Jacyra Motta e Suzana Cardoso, *Quinhentos anos de história linguística do Brasil* (Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006), coletânea pensada para as comemorações dos 500 anos de descoberta do Brasil e que, bem brasileiroamente, só foi possível sair em 2006...

Terceiro, *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos* (Humanitas, 2001), Rosa organizou o primeiro livro que divulgou resultados do PHPB.

Quarto, *Ensaio sobre a socio-história do português brasileiro* (Parábola, 2004)

4.1.3. Sobre o ensino de língua portuguesa:

Em primeiro lugar, *Tradição gramatical e gramática tradicional* (Contexto, 1989)

Em segundo, *Contradições no ensino do português: a língua que se fala x a língua que se ensina* (Contexto/Edufba, 1995). Nele encontramos a citação de Rossi:

É sabido que o normal mas relações de dominação é a coincidência entre a ideologia do dominador e a do dominado, porque o processo de dominação elabora, para legitimar-se, uma ideologia sem a qual não teria como sustentar-se e não deixa, enquanto vige, alternativa ao dominado, que, até construir a sua própria, só dispõe da que lhe é imposta, como (por sinal, falacioso) instrumento da chamada ascensão social' (ROSSI, 1980 – A realidade linguística brasileira)

E outras:

O que é certo em matéria de uso linguístico? O que é errado? A tarefa dessa geração está em resolver esse impasse da cultura nacional, desvendando nossa realidade linguística e reajustando a norma pedagógica no que for necessário. (CASTILHO, 1980)

Ainda nesse livro, sobre língua padrão:

Língua padrão: um peixe ensaboado? (FARACO & TEZZA, 1992)

O arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder (GNERRE, 1985)

Depois do livro pronto [São Bernardo], notei que não era Paulo Honório que falava. Eram os grandes estilistas, através da minha pena. Precisava, portanto, traduzir o livro para a linguagem dele. Acabou surgindo na folha de papel um brasileiro encrencado, muito diferente desse que aparece nos livros de gente das cidades, um brasileiro matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem (SILVIANO SANTIAGO, *Em liberdade – memórias ficcionais de Graciliano Ramos*, 1981).

Gosto de sentir a minha língua roçar
a língua de Luís de Camões
[...]
Flor do Lácio, Sambódromo,
Lusamérica, latim em pó (CAETANO VELOSO, 1984, *Velô/ Língua*)

E, no epílogo, a íntegra do poema que lhe inspirou o título do livro seguinte:

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada das letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando

o Amazonas da minha ignorância.

Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora, em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE,
Boitempo / aula de português)

Terceiro, *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas* (Parábola, 2004).

4.1.4. Outros textos

Não tenho condição de falar sobre os tantos capítulos de livros, artigos em periódicos, textos apresentados em Congressos, aulas e outros, mas gostaria de trazer aqui recortados alguns trechos deles ou as epígrafes que ela escolheu para eles, como reflexo de sua face de leitora contínua, devotada e apaixonada, dentro ou fora das prateleiras da linguística.

Inicialmente, trechos de sua autoria:

Uma gramática indutiva e descritiva pode ser criticável, mas indução e dedução são apenas etapas metodológicas a serem percorridas uma após a outra. (Em aula do mestrado, 1982).

De fato multiplicam-se as situações em que dizem, no Brasil, que vai mal a língua portuguesa. Irá mal, de fato, o vernáculo no Brasil? Claro que não. Vai muito mal a expectativa de alguns, até numerosos sem dúvida, que, desligados da realidade da nação brasileira, desejam recuperar algo que nunca fomos e, por isso, não assumem de fato o que nos legou e lega a nossa própria história. (*Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil*, 1984)

Sobre gramaticalização: não haveria casos de polidirecionalidade, como se fosse um percurso linear interrompível por linhas diagonais, por travessas inesperadas? [...] Quem trabalha com a mudança linguística no tempo real de longa duração sabe que esse processo contínuo do fazer-se das línguas reserva muitas surpresas, muitas travessas e becos, até sem saída, sobretudo por pressões externas, pela criatividade dos falantes, por condicionamentos fora do alcance do analista. (ANPOLL, 2002).

Seria este, talvez, um dever patriótico: o conhecimento e o reconhecimento, na escola, da realidade do português brasileiro. (*O que corrigir no portu-*

guês de nossos alunos? – V Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura – Universidade de Coimbra, 1998.)

Diversa e una, em momento de liberdade, revendo criticamente a coerção normativa homogeneizadora, dominante outrora, sempre a esgueirar-se por frestas acadêmicas, a aventura linguística que se definiu historicamente com Afonso Henriques no século XII continua o seu percurso e se afirma como uma das línguas mais usadas no mundo. (*Diversidade e unidade: a aventura linguística do português*, 1991)

Desaparecendo e reaparecendo, as palavras continuam suas histórias, a depender da história dos falantes das línguas. (*Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*, 2009)

A seguir, trechos de outros estudiosos de língua:

É preciso que nosso trabalho filtre as ideias que importamos” (BORGES NETO, 1996) – epígrafe de trabalho apresentado na ANPOLL, de 2002.

A arte de fazer o melhor uso de maus dados, no sentido de que os fragmentos da documentação escrita que permanece são os resultados de acidentes históricos para além do controle do observador. (LABOV, 1982, *Building on empirical foundations*, citado em *Rastros de velho mistério*, Estudos, n. 10, 1990)

E não desconfiemos da nossa língua porque os homens fazem as línguas e não a língua o homem. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536).

Saibamos que a primeira e principal virtude da língua é ser clara e que a possam entender, e para ser bem entendida há de ser a mais acostumada entre os melhores dela e os melhores da língua são os que mais leram e viram e viveram, continuando mais entre primores sisudos e assentados, e não amigos de muita mudança. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, citado em *Diversidade e unidade: a aventura linguística do português*, 1991)

De outros autores:

Guimarães Rosa, em um de seus dispersos reunidos em *Ave, Palavra*, intitulado *Uns índios (sua fala)*, ao narrar a sua experiência de linguista amador, ou talvez com mais precisão, de amador de línguas, depois de descodificar algumas expressões recolhidas aos índios Terena de Aquidauana, reconhece que as suas hipóteses para outras descodificações fugiam pelos “fundos da lógica” e então nos presenteia com uma afirmativa exemplar: “Toda língua são rastros de um velho mistério”(in *Rastros de velho mistério*, texto dedicado a Cintra, 1990).

Há palavras que dão poder, outras que deixam mais desamparados, e dessa espécie são as palavras vulgares dos simples, a quem o senhor não concedeu saber exprimir-se na língua universal da sabedoria e do poder. (ECO, em O Nome da Rosa, citado em *A diversidade do português brasileiro e seu ensino aos povos indígenas*, 1986)

Que é um ato poético, perguntou o rei, Não se sabe, meu senhor, só damos por ele quando aconteceu (SARAMAGO, em *A viagem do elefante*, citado em *Rosae: desvelando um dativo*, 2012).

O que quer/ o que pode / esta língua (CAETANO VELOSO, *Velô*, 1984)

que põe em confronto com a citação: “a historicidade das línguas resulta necessariamente dos dois universais da criatividade e da alteridade” (SCHRIEBEN-LANGE, 1994) para concluir:

Talvez então possamos responder ao poeta, com o entrecruzamento da criatividade individual, da alteridade social e das limitações estruturais possíveis, próprias a qualquer língua, para retomar o poeta e a linguista, companhias com que iniciei este texto. (MATTOS E SILVA, 2004).

Cita poetas:

O sonho vem do futuro
e voa para o passado
donde volta como névoa
donde volta reforçado.

(AGOSTINHO DA SILVA, *Uns poemas de Agostinho*, 1990, citado em *do português arcaico ao português brasileiro*, 2004).

Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada

(MANUEL BANDEIRA, *Libertinagem/ Evocação do Recife*, citado na sua Conferência do concurso para Professor Titular)

por mares nunca de antes navegados (CAMÕES em *Os Lusíadas*, 1578 – epígrafe do texto *Diversidade e unidade: a aventura linguística do português*, 1991)

Se ainda há vida ainda não é finda (PESSOA, *Mensagem – Prece*), citado no texto *De sonhos desfeitos e refeitos*, 2003.

E no final do mesmo texto:

Relembrando a epígrafe – *se ainda há vida ainda não é finda* – espero continuar a trabalhar no ensino, na pesquisa, até quando for possível. É o que sei fazer; é o de que gosto de fazer! Sem dúvida, a experiência desses anos na Universidade do Brasil foi não só inesquecível como fundamental (MATTOS E SILVA, 2003).

5. *Minha convivência com Rosa Virgínia*

Eu a conheci em 1981, na sala do Laboratório de Fonética do Instituto de Letras, prédio de Nazaré, onde trabalhavam conjuntamente os professores de língua portuguesa, capitaneados pelo Prof. Nelson Rossi, quando ela ainda se encontrava no seu Pós-Doutoramento no Rio e estava em visita aos colegas. Fui-lhe apresentada como a mais nova professora. No ano seguinte, 1982, tive a honra e alegria de ser sua aluna, na disciplina “Morfossintaxe do português” antigo do curso de mestrado e, desde então, começamos um diálogo que se foi cristalizando em parte fundamental da minha formação acadêmica e em modesta colaboração constante aos seus projetos de pesquisa vinculados à diacronia do português.

Tive Rosa como minha professora e como minha orientadora no curso de mestrado. Em dúvida sobre o tema da minha dissertação e após muitas conversas com ela e com Nelson Rossi, elegi a categoria de aspecto para investigar, em *corpus* do Projeto NURC. Rosa me disse mais ou menos o seguinte: “eu não sei muito sobre essa categoria, ela é pouco estudada no português, mas concordo em aprender junto com você”. Vejam quanta disponibilidade e quanta simplicidade. Foram dois anos de intensa convivência, como orientanda e como colega, pois ensinávamos no mesmo Departamento, o que me permitia testemunhar sua atuação no plenário do DLV e nas reuniões do Setor de língua portuguesa. Fui aprendendo com ela os caminhos da pesquisa, a disciplina quanto ao recorte temático, aos métodos, à análise.

Alguns aspectos desse convívio foram marcantes para mim: primeiro, a paciência de me fazer compreender o que eu queria fazer e que não me parecia tão claro, as perguntas instigantes, o estímulo. Senti, então, o que vim a dizer em algumas ocasiões públicas: Rosa sabia fazer seu orientando encontrar o caminho que fosse mais adequado às suas condições e o mais agradável para ele, portanto, também o mais produtivo, nem que para isso ela, como orientadora, tivesse de se desviar intelectualmente dos seus interesses mais imediatos e mais caros. Aprendi, também, com ela, a importância de olhar detida e abertamente os dados linguísticos de que eu dispunha, para retirar deles o melhor que me fosse possível e, desde então, tornei-me uma apaixonada pelos dados que, se bem colhidos, permanecerão ali, à disposição dos pesquisadores, a partir de qualquer teoria que se lhes queira aplicar.

Só em finais de 1998 decidi começar o doutorado. Não por falta de estímulo, de muitos colegas, sobretudo dela, que me dizia, para minha honra, estar à disposição para me orientar quando eu quisesse. Em 1999, iniciei o curso e pude ser mais uma vez sua aluna, uma condição de que me lembro com saudade. Ela orientou a minha tese, que versou sobre gramaticalização de elementos adverbiais no português. Dizia, com sua simplicidade constante, que Therezinha Barreto, Rosauta Poggio, Anna Maria Nolasco e também eu e Emília Helena Souza a estávamos ensinando a teoria da gramaticalização, vejam só!

Outro momento marcante da minha convivência com Rosa foi o seu concurso para professor titular de língua portuguesa da UFBA. Lembro-me do misto de emoção e estranheza que sentimos, todos nós professores de língua portuguesa, por estarmos presenciando um momento esdrúxulo na história da universidade brasileira ao vermos a nossa mestra, em decorrência do enorme lapso temporal em que a UFBA não abria vagas para professores titulares, estar se submetendo à avaliação de colegas que, como bem disse Carlos Alberto Faraco, componente da banca, tinham sido formados pelo seu saber, pelas suas aulas, pelos seus livros. Momento comovente se apresentou quando, em decorrência da proximidade do tempo-limite para a leitura da sua conferência, o presidente da banca sugeriu-lhe que ela o abreviasse. Ela se calou por um momento e depois disse, calma, mas firmemente, aproximadamente o seguinte: “peço-lhe que me permita permutar pontos da minha nota final pela concessão do tempo necessário para a leitura, para não mutilar meu texto”.

Em 2007, Tânia Lobo me apresentou a ideia que ela e Américo estavam desenvolvendo, a de organizar um congresso internacional de linguística histórica em sua homenagem. Receosa que sou da minha capacidade administrativa, disse-lhe que, só sob sua batuta, eu concordava em integrar a comissão organizadora. Sem dúvida, essa foi uma inspiração abençoada dos colegas. Fizemos o lançamento do Congresso em março de 2008 e o realizamos em julho de 2009, durante a semana do seu aniversário – 27 de julho – num hotel a beira-mar, o que a agradou particularmente. Por economia de tempo, não contarei mais detalhes desse evento inesquecível. Digo apenas que, graças a um esforço verdadeiramente hercúleo das colegas Tânia Lobo, Juliana Soledade, Ariadne Almeida, Zenaide Carneiro e Silvana Ribeiro neste ano lançamos o livro e o CD que reúnem a colaboração dos seus participantes (*ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*, Edufba, 2012).

A entrega do título de Professor Emérito foi também um momento marcante da nossa convivência. O título lhe foi concedido pela UFBA, a partir de sugestão de Américo Machado Filho ao nosso Departamento. Preparamos a cerimônia em comum acordo com o Cerimonial da Reitoria, Américo à frente, e me coube a honra e a alegria de fazer o papel de mestre de cerimônia.

Bem, já me alonguei demais, estou mesmo fazendo jus ao apelido de “grilo falante” que ela me concedeu. Quero, por fim, trazer para vocês os trechos de agradecimento que lhe fiz, respectivamente, na minha dissertação de mestrado e na minha tese de doutorado:

À minha orientadora, Rosa Virgínia Mattos e Silva, que me proporcionou viver na prática o que entendo dever ser a respeitosa, estimulante e afetuosa relação mestre/discípulo. (COSTA, 1986, inédita).

À Prof^ª Dr^ª Rosa Virgínia Mattos e Silva, orientadora, colega e amiga, sempre presente, pelo exemplo de trabalho intelectual e pela influência marcante, mas jamais invasiva. (COSTA, 2003, inédita).

Muito obrigada pela atenção de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, R. *A portuguese version of the life or Barlaam e Josaphaf*. Paleographical edition and linguistic study. Philadelphia: University of Pennsylvania 1938.

BRAGA, M. L.; CASTILHO, A.; NARO, A.; MATTOS e SILVA, R. V. *Gramaticalização: olhares distintos e convergentes*. In: XVII Encontro Nacional da ANPOLL, 2002, Gramado. Boletim Informativo 31. Gramado: ANPOLL, 2002.

MACHADO FILHO, A. V. L. *Diálogos de São Gregório*: edição e estudo de um manuscrito medieval português. Salvador: Edufba, 2008.

_____. *Um flos sanctorum trecentista em português*: edição interpretativa. Brasília: UnB, 2009.

_____; COSTA, S. B. B. (Orgs.) *do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: Edufba, 2004.

MALER, B. *Orto do esposo*. Edição e glossário. Stockolm: Almqvist & Wirsell, 1964.

MATTOS E SILVA, R. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *Contradições no ensino do português: a língua que se fala x a língua que se ensina*. São Paulo: Contexto; Salvador: Edufba, 1995.

_____. *De sonhos desfeitos e refeitos*. Depoimento. Brasília: UnB, 2003.

_____. Desvelando um dativo. In: Tânia Lobo; Zenaide Carneiro; Juliana Soledade; Ariadne Almeida; Silvana Ribeiro (Orgs.). *ROSAE- Linguística Histórica, História das Línguas e outras histórias*. Salvador: Edufba, 2012.

_____. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM, 1989.

_____. *O que corrigir no português de nossos alunos? Uma avaliação do fator escolarização na compreensão do português brasileiro*. A Cor das Letras, Feira de Santana, 1999.

_____. Rastros de um velho mistério! Sobre estudos de variação e mudança na fase arcaica do português. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 10. Salvador: Edufba, 1990.

_____. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas revisitados. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 25/26, 2002. (Conferência de concurso para Professor Titular)

_____. *A 'Carta de Caminha': testemunho linguístico de 1500*. Salvador: Edufba/UEFS/CNPq/EGBA, 1996.

_____. A diversidade do português brasileiro e seu ensino aos povos indígenas. *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n. 5. Salvador: Edufba, 1986

_____. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Diversidade e unidade: a aventura linguística do português. In: Ivo Castro et alii. (Org.) *Curso de História da língua portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

_____. *Ensaio sobre a socio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *O difícil fazer de uma edição crítica de um manuscrito medieval: relato de uma experiência*. 60º Seminário do GEL, USP/SP, 2012.

_____. *O português arcaico, uma aproximação*. Lisboa: IN-CM, 2008.

_____. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto; Salvador: Edufba, 1991.

_____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto; Salvador: Edufba, 1994.

_____. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. O Programa Para a História da Língua Portuguesa: raízes e projetos em andamento. *IV Congresso Internacional da Abralin*, Brasília, 2005.

_____. Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil: reflexões sobre o português e seu ensino. In: Carlota Ferreira et alii. (Org.). *Diversidade do português brasileiro*. Salvador: UFBA/PROEB, 1988.

_____. *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. 1971. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 4 vs.

_____. (Org.). *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: Edufba, 2002.

_____; MOTTA, J.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.) *Quinhentos anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

_____; OLIVEIRA, K.; AMARANTE, J. (Orgs.) *Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos*. Salvador: Edufba, 2012.

OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H.; SOLEDADE, J.(Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: Edufba, 2009.

ROSSI, N. et alii. *O atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963

_____. *O livro das aves*. Edição crítica. Rio de Janeiro: INL, 1965 (Coleção Dicionário da Língua Portuguesa – Textos e Vocabulário).

SILVA NETO, S. da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1956.